

Comportamento Semanal de Mercado

31 de março a 6 de abril



Leilões bem-sucedidos

A proposta do novo arcabouço fiscal e a melhora do apetite ao risco no exterior favoreceram o recente movimento de queda dos prêmios de riscos nos ativos internos, embora tenha perdido fôlego esta semana, com a taxa real de juros *ex-ante* subindo 0,10 p.p. para 7,36% a.a.. Entretanto, a ETTJ exibiu reduções nos vértices mais longos, que só não foram maiores por conta do leilão recorde de R\$ 17,37 bilhões em LTNs e NTN-Fs. Ainda, com a boa recepção da nova meta fiscal, o Tesouro Nacional foi exitoso ao captar no exterior US\$ 2,25 bilhões no prazo de 10 anos, com uma demanda 5,7 vezes superior à prevista. O alívio na pressão do risco bancário global, com a diminuição da demanda por liquidez na linha emergencial do Federal Reserve (Fed), levou o CME Group indicar na quinta (06/04) a probabilidade de 66% de uma alta de 0,25 p.p. na *fed fund* na próxima reunião. Indicadores antecedentes da atividade apontam desaceleração no setor de serviços e no mercado de trabalho, sugerindo que o aperto monetário esteja próximo do fim. Em março, o *payroll* indicou a criação de 236 mil vagas, abaixo do esperado, e uma desaceleração considerável em relação a jan/23 (472 mil vagas) e fev/23 (326 mil). No Boletim Focus, sem alterações relevantes no que tange às expectativas inflacionárias, com a mediana das projeções para a Selic no final de 2023 em 12,75% a.a., passou a considerar o 1º corte (-0,25 p.p.) em set/23, com outro de -0,25 p.p. em nov/23 e outra de -0,50 p.p. em dez/23. A perda de tração da atividade e o elevado endividamento das famílias, conforme aponta a PEIC de março, adicionam pressão para o início do ciclo de afrouxamento monetário. Para esta semana, atenção no resultado do IPCA de março, que deve ser pressionado pela reoneração de tributos sobre os combustíveis. Ainda, saem os dados de serviços, varejo, veículos e produção industrial nos EUA e na Zona do Euro.

Expectativas

Inflação – Mediana das Projeções

	IPCA (%)		
	Mediana – agregado		
	06/04	Últ. Semana	Há 4 semanas
mar/23	0,77	0,77	0,70
abr/23	0,59	0,59	0,61
mai/23	0,39	0,39	0,40
2023	5,98	5,96	5,96
2024	4,14	4,13	4,02
2025	4,00	4,00	3,80

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

As medianas das projeções do IPCA, no Boletim Focus, para os próximos 3 meses não registraram alterações em relação à semana anterior, ficando em 0,77% para mar/23, em 0,59% para abr/23 e em 0,39% para mai/23. Contudo, a mediana das expectativas para o fechamento de 2023 subiu 0,02 p.p. para 5,98%, enquanto para 2024 aumentou 0,01 p.p. para 4,14% e para 2025 permaneceu em 4,00%, refletindo a possibilidade de uma revisão nas metas dos próximos anos. A projeção para a meta Selic de encerramento de ano segue em 12,75% a.a. para 2023, em 10,00% a.a. para 2024 e em 9,00% para 2025, contudo se consolida a percepção de

início dos cortes na reunião de set/23, com uma redução de -0,25 p.p. para 13,50% a.a. e mais um corte de -0,25 p.p. em outubro e outro de -0,50 p.p. em dezembro. No âmbito fiscal, apesar do anúncio do novo arcabouço fiscal, as projeções para a dívida líquida do setor público (DLSP) e para o déficit primário para os próximos 3 anos não apresentaram alterações, com as medianas da DLSP esperada em relação ao PIB fechando em 61,15% para 2023, em 64,50% para 2024 e em 66,90% para 2025, e para o déficit primário em relação ao PIB encerrando em -1,01% para 2023, em -0,80% para 2024 e em -0,50% para 2025. A mediana das projeções para o câmbio de final de período apresentou estabilidade para 2023 e 2025 em R\$/US\$ 5,25 e R\$/US\$ 5,30, respectivamente, enquanto para 2024, a expectativa para o câmbio recuou -0,6% pra R\$ 5,27.

Aversão ao Risco

A atualização disponibilizada pelo Fed na 5ª feira mostrou que os bancos reduziram a sua demanda por liquidez, refletindo o alívio na pressão sobre a estabilidade financeira. No total, os seus dois principais programas de empréstimos em vigor mobilizaram US\$ 148,7 bilhões nos sete dias encerrados em 5 de abril, ante US\$ 152,6 bilhões no período anterior. Já os empréstimos na linha estabelecida pela Federal Deposit Insurance Corporation (FDIC) cederam de US\$ 180,1 bilhões para US\$ 176,4 bilhões.

Com indicativos distintos nos números do auxílio-desemprego e do *payroll*, o cenário mais provável é de que se tenha uma alta de 0,25 p.p. nas taxas básicas de juros. Ao final da 6ª feira, a ferramenta *FedWatch*, do CME Group, apontava que a probabilidade desse aumento seria de 66% na véspera e 47,8% ao final da semana passada. Com esse cenário, os rendimentos dos *Treasuries* reduziram-se na semana. O rendimento da *T-note* de 2 anos saiu de 4,06% a.a. para 3,97% a.a., o da *T-note* de 10 anos de 3,48% a.a. para 3,39% a.a. e o do *T-bond* de 30 anos de 3,67% a.a. para 3,61% a.a..

O maior destaque na semana deveu-se à alta do preço do petróleo, depois que a Arábia Saudita, outros membros da Opep e aliados do cartel anunciaram reduções na produção de petróleo que gerariam um corte na oferta de 1,15 milhão de barris por dia a partir de maio. Agravando o cenário, a Rússia também anunciou que estenderá um corte de 500 mil barris por dia na produção de petróleo até o fim do ano. Com isso, o preço do barril de petróleo tipo Brent teve aumento de 6,71% na semana, saindo de US\$ 79,77 para US\$ 85,12.

Com os temores de uma recessão gerados pela escalada do preço de petróleo, o comportamento dos principais índices acionários foi distinto. O índice Dow Jones fechou o período com uma alta de 0,63%, enquanto o S&P 500 teve queda de -0,10% e o Nasdaq de -1,10%. O Nikkei exibiu perda de -1,87% e o Dax 40 de -0,20%, enquanto o Xangai cresceu 1,67% e o FTSE 100 1,44%.

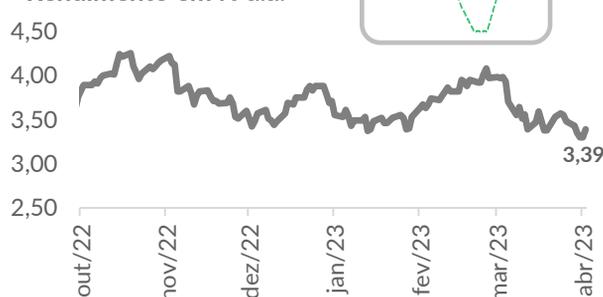
Com esse quadro internacional e após o anúncio dos parâmetros do ajuste fiscal, o Tesouro Nacional promoveu um leilão de títulos da dívida no exterior com prazo de 10 anos, o Global 2033. Com uma demanda por US\$ 8,5 bilhões, que equivaleu a 5,7 vezes o valor inicialmente previsto de US\$ 1,5 bilhão. Tendo como objetivo a promoção de liquidez da curva de juros soberana, a emissão possibilitou a captação de US\$ 2,25 bilhões, propiciando uma taxa de retorno de 6,15% a.a.. A cotação do CDS de 5 anos para o risco soberano brasileiro variou na semana de 228,2 bps. para 233,4 bps. Com a incerteza sobre a política de preços, em reais, as ações Petrobras ON e PN avançaram 2,23% e 2,35% na semana em reais, abaixo de aumento acumulado pelo preço do barril do petróleo. Por fim, o índice Ibovespa apresentou uma perda de -1,04% no período.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts		Variação		
	06/04/2023	Semana	Mês	12 meses	
Bovespa	100.822	-1,0%	-2,9%	-14,7%	
Nasdaq	12.088	-1,1%	3,4%	-13,0%	
S&P	4.105	-0,1%	1,5%	-8,4%	
Dow Jones	33.485	0,6%	0,3%	-2,9%	
FTSE 100	7.742	1,4%	-2,4%	2,0%	
DAX 40	15.598	-0,2%	-0,4%	10,2%	
Nikkei 225	27.473	-1,9%	-1,6%	0,4%	
Xangai	3.313	1,7%	-0,5%	0,9%	

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

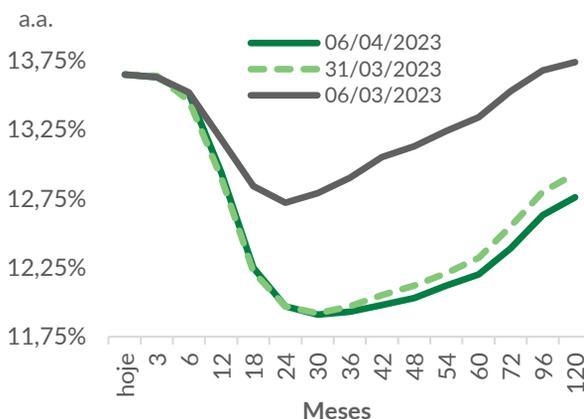
Taxa de Juros

No período recente, o risco de uma crise financeira internacional e a apresentação da proposta do arcabouço fiscal proporcionaram uma considerável queda nos prêmios implícitos na estrutura a termo. Contudo, ainda que de forma moderada, a inclinação da curva se reduziu nesta semana, com o aumento nas taxas de juros dos vértices mais curtos e redução nos prazos mais longos.

A taxa de juros do vértice de 6 meses subiu 0,05 p.p. para 13,51% a.a. e a de 1 ano aumentou 0,04 p.p. para 12,94% a.a.. Dessa forma, com a redução da expectativa de inflação para os próximos 12 meses passando de 5,26% para 5,20%, a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,10 p.p. na semana para 7,36% a.a., tornando-se mais contracionista, lembrando que a taxa real de juros neutra, aquela que estabilizaria a taxa de inflação e sustentaria um crescimento do produto em linha com o seu potencial, considerada pelo Banco Central é de 4,00% a.a..

Os indicadores dos prazos mais longos fecharam novamente com redução na semana. A taxa de juros de 3 anos saiu de 11,97% a.a. para 11,93% a.a., a de 4 de 12,12% a.a. para 12,03%, a de 5 de 12,32% a.a. para 12,20% a.a. e a de 10 anos de 12,93% a.a. para 12,76% a.a.. A queda teria sido maior não fosse a pressão gerada pela mega venda de títulos realizada pelo Tesouro Nacional na 5ª feira. Diante da queda das taxas de juros futuras e do “achatamento da curva”, na 5ª feira, ampliou-se a oferta de títulos de prefixados, anunciando-se o maior leilão em pelo menos 12 meses e negociando-se a totalidade do lote de 20 milhões de LTNs e 3 milhões de NTN-Fs que representaram um volume financeiro de R\$ 17,371 bilhões.

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

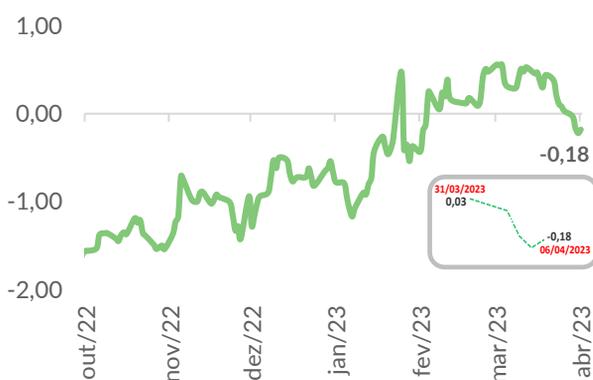


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Respondendo à interpretação dos indicadores divulgados, o dólar apresentou volatilidade no mercado de câmbio internacional. Na sexta-feira, o índice DXY que mede o dólar ante uma cesta de moedas composta pelo Euro, Iene, Libra esterlina, Dólar canadense, Coroa Sueca e Franco suíço fechou em 102,10, com uma queda semanal de -0,40%.

Em relação ao euro que representa 57,6% do índice, o dólar perdeu -0,6%, com a apreciação do euro beneficiando-se dos dados favoráveis para a produção industrial na Alemanha.

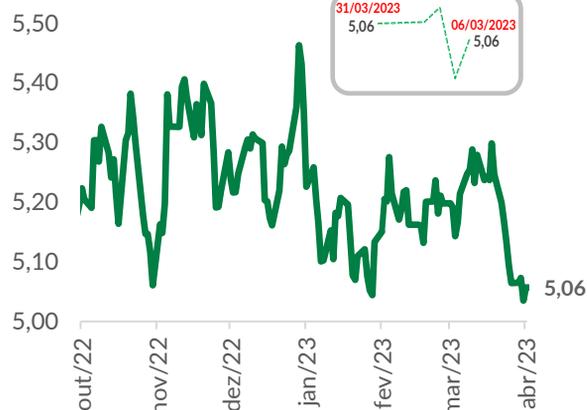
Por sua vez, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes frente ao dólar exibiu uma queda de -0,80%, com as depreciações de 4,5% no rublo russo, de 3,0% no peso chileno e de 1,1% no peso argentino e para a apreciação de 2,0% no peso mexicano. Já em relação ao real, o dólar apresentou uma queda de -0,14%, fechando o período cotado a R\$ 5,0570.

Por fim, o Banco Central mantém a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 02/05/2023, com a oferta de contratos para 01/09/2023 e 02/01/24. Nesta 2ª feira, foram ofertados 16.000 contratos (US\$ 800 milhões), dando continuidade à estratégia.

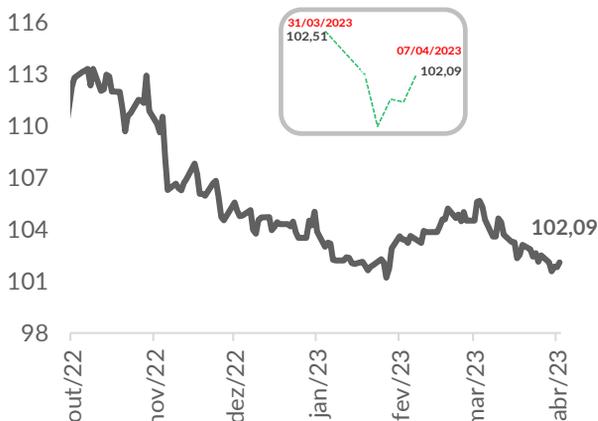
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Internacional

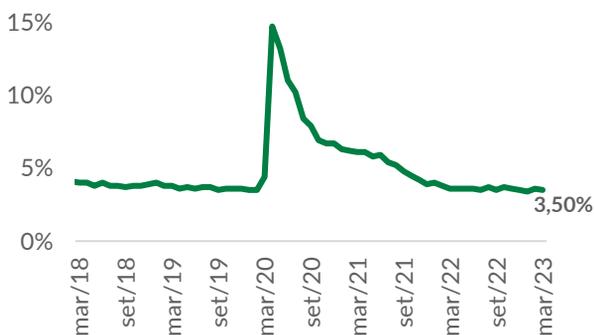
Os indicadores antecedentes divulgados ao longo da semana ratificam o cenário de que a economia dos EUA está em desaceleração. Ainda que incipientes, os sinais de arrefecimento na atividade do setor de serviços e no mercado de trabalho antecipariam uma descompressão futura nos salários à frente, arrefecendo as significativas pressões inflacionárias em curso, o que reduziria a necessidade de um aperto adicional na política monetária.

Na semana encerrada em 1 de abril, o Departamento do Trabalho divulgou uma queda de -18 mil novos pedidos de auxílio-desemprego nos EUA para 220 mil. O dado da semana anterior, no entanto, sofreu significativa revisão para cima, de 198 mil a 246 mil. Já os pedidos continuados de auxílio-desemprego mostraram alta de 6 mil na semana até 25 de março, a 1,823 milhão. A revisão gerou o sentimento de que estivesse ocorrendo um arrefecimento do mercado do trabalho, o que favoreceria uma pausa no ciclo de aumento na taxa de juros pelo Fed. Contudo, divulgou ainda que, em termos líquidos, foram criados 236 mil empregos em março, também um pouco abaixo das expectativas. Adicionalmente, os números de jan/23 foram revistos de 504 mil para 472 mil e os de fev/23 de 311 mil para 326 mil. Já a taxa de desemprego saiu de 3,6% em fev/23 para 3,5% em março, ante 3,6% em fevereiro. O salário médio por hora teve alta de 0,3% na margem, com ganho salarial de 4,2% a.a., um pouco aquém da previsão de 4,3%. Resumindo, os indicadores continuam apontando para um mercado de trabalho apertado e resiliente, com alguns sinais de suavização.

Ainda, o índice de atividade do setor de serviços, medido pelo ISM, recuou de 55,1 pts. em fev/23 para 51,2 pts. em março. A decomposição do indicador mostrou um alívio nos preços finais ao consumidor, na demanda e nos componentes de emprego. O subíndice das novas encomendas cedeu de 62,6 pts. em fev/23 para 52,2 pts. e o de encomendas de exportações passou de 61,7 pts. em fev/23 para 43,7 pts.. O de produção recuou de 56,3 pts. em fev/23 para 55,4 pts. e os preços caíram de 65,6 pts. em fev/23 para 59,5 pts.. Sinais semelhantes foram verificados no ISM do setor manufatureiro, que caiu de 47,7 pts. em fev/23 para 46,3 pts., o menor nível desde mai/20.

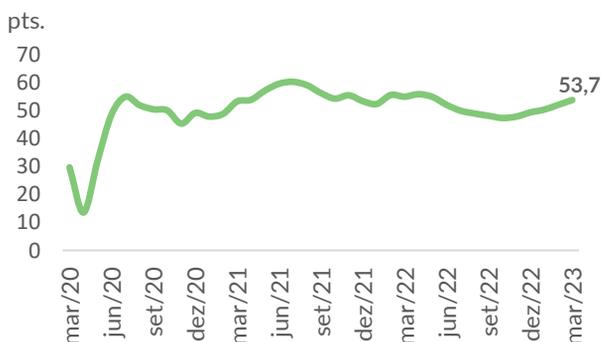
Na Zona do Euro, o PMI Composto dos setores industrial e de serviços avançou de 52,0 pts. em fev/23 para 53,7 pts., atingindo o maior nível em 10 meses, mas abaixo da leitura preliminar de 54,1 pts.. Sinalizando uma recuperação contínua, o PMI de Serviços Caixin da China subiu de 55,0 pts. em fev/23 para 57,8 pts. em março, o que representou o 3º mês consecutivo. O resultado apoiou-se no aumento dos novos negócios, na esteira da reversão das medidas preventivas à pandemia, na melhoria das condições operacionais e na flexibilização das restrições de viagens internacionais.

EUA – Taxa de Desemprego



Fonte: Board of Governors of the Fed. Elaboração ABBC

Zona do Euro – PMI



Fonte: Bloomberg/Markit. Elaboração ABBC

IC-Br - Mar/23

Após as baixas de -1,56% em fev/23, -2,58% em jan/23 e -2,19% em dez/22, a variação mensal do Índice de *Commodities* do Brasil (IC-Br), medido em reais pelo Banco Central, recuou -2,84% em março (4,38% em mar/22).

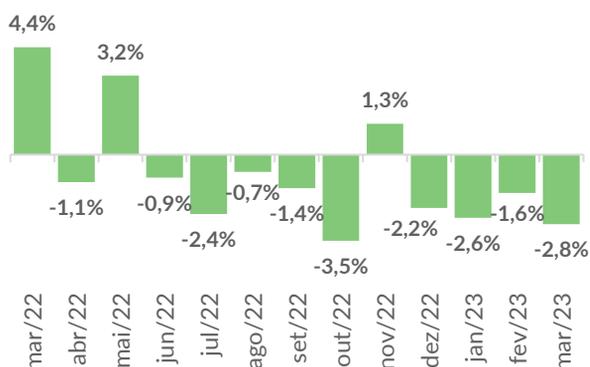
O resultado negativo registrado no último mês foi sobretudo influenciado pelo componente metal (alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo e níquel), que apresentou uma queda de -4,44% na margem. As *commodities* agropecuárias (carne de boi, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café, arroz e carne de porco) e as do segmento de energia igualmente apresentaram reduções de -2,61% e -2,81%, respectivamente.

No 1T23, o indicador composto acumulou uma retração de -6,83%, impulsionado pelo setor energético com retração de -25,21% no período. No acumulado em 12 meses, o índice composto recuou -14,01% a.a., resultado de uma variação negativa de -34,49% a.a. nas *commodities* energéticas, de -26,39% a.a. nas *commodities* metálicas e de -1,31% a.a. nas agropecuárias. As trajetórias das séries indicam uma menor pressão na inflação ao consumidor, com nível bem inferiores aos verificados em 2022.

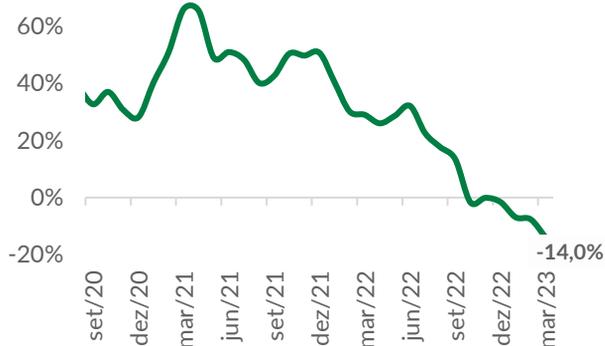
Por fim, o índice CBR, baseado no mercado à vista, medido em US\$, fechou em queda de -0,63% no mês, de -2,72% no trimestre e de -8,90% no acumulado de 12 meses, para 413,45 pts..

*CRB: Índice de preços de commodities, baseado no mercado à vista, calculado pelo Commodity Research Bureau. O índice é uma medida dos movimentos de preços de produtos básicos mais sensíveis a mudanças nas condições econômicas.

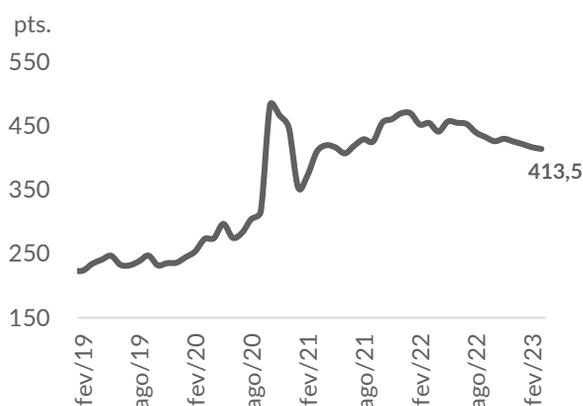
Índice Composto Variação Mensal



Índice Composto Variação em 12 meses



Índice CBR*



Balança Comercial – Mar/23

Com o superávit de US\$ 11,0 bilhões em março e o aumento de 37,7% frente ao de mar/22, a balança comercial continuou apresentando bom desempenho, registrando a melhor performance para o mês desde 1989 e superando a mediana das projeções de mercado de US\$ 9,5 bilhões. O saldo mensal refletiu US\$ 33,1 bilhões em exportações (+7,5% em relação a mar/22) e US\$ 22,1 bilhões (-3,1% em relação a mar/22) em importações. A dinâmica pode ser explicada, de um lado, pelo forte aumento dos embarques de petróleo e da safra recorde de grãos, e por outro, pela retração no volume de compras em todas as categorias de uso, com destaque baixista para combustíveis e bens de consumo.

No 1T23, o saldo comercial apontou um superávit de US\$ 16,1 bilhões, expandindo-se 29,8% relativamente ao observado em igual período de 2022, resultantes de US\$ 76,4 bilhões em exportações (+3,4%) e de US\$ 60,4 bilhões em importações (-1,9%). Na mesma métrica, o volume de exportações cresceu 5,4%, enquanto os preços retrocederam 0,4%.

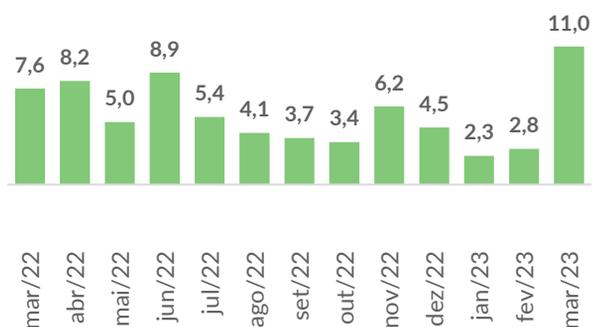
Analisando-se a dinâmica por setor, no 1T23, o avanço foi impulsionado pela indústria de transformação (5,1%) e pela agropecuária (2,4%), ao passo que a indústria extrativa mineral cresceu apenas 0,1%.

No que pese às importações, a despeito do menor volume (-5,9%), os preços aumentaram em 3,5%. Olhando os setores, a indústria extrativa apresentou acentuada queda de -30,4%, resultado parcialmente compensado pelas elevações de 2,2% na agropecuária e 1,6% na indústria de transformação.

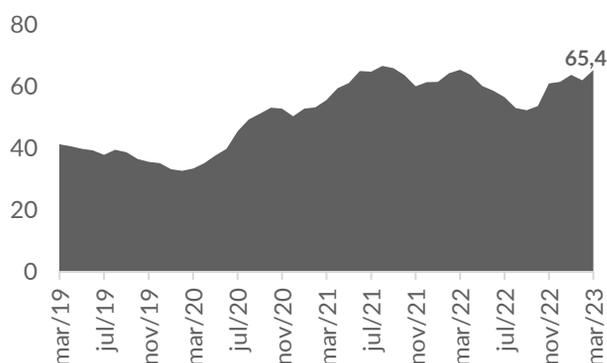
O saldo acumulado em 12 meses alcançou US\$ 65,4 bilhões, fazendo com que a variação anualizada desacelerasse a trajetória negativa, de -3,6% a.a. em fev/23 para -0,1% a.a. (17,6% a.a. em mar/22). Nessa mesma base, o avanço das exportações arrefeceu de 14,1% a.a. em fev/23 para 13,4% a.a. (37,4% a.a. em mar/22), enquanto o das importações passou de 19,1% a.a. em fev/23 para 17,2% a.a. (44,3% a.a. em mar/22).

Para os próximos meses, espera-se uma manutenção no bom desempenho da balança comercial, refletindo a retomada do crescimento chinês e o escoamento da safra recorde de grãos. Todavia, com a tendência de acomodação das cotações de commodities em função da esperada desaceleração da economia global, o Ministério do Desenvolvimento projeta uma queda de -2,8% nas exportações em 2023 e de -11,8% nas importações, com o saldo atingindo US\$ 84,0 bilhões (US\$ 62,0 bilhões em 2022).

Saldo Mensal
Em R\$ bilhões



Balança Comercial
Acumulada em 12 meses – em R\$ bilhões



PEIC – Mar/23

Em meio ao aperto das condições financeiras provocada pelo ajuste monetário e pela deterioração nas condições do mercado de crédito, a Pesquisa de sentimento do Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), apurada pela CNC, apontou que o percentual de famílias que se consideram endividadas ficou estável no mês em 78,3%, porém com um crescimento de 0,8 p.p. em 12 meses.

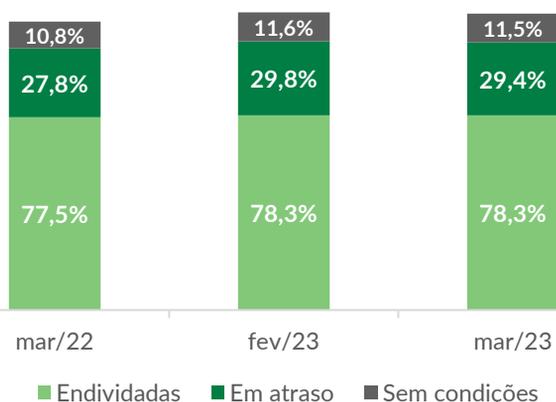
Do total de endividados, 29,4% das famílias declararam estar com contas atrasadas (-0,4 p.p. no mês e +1,6 p.p. em 12 meses) e 11,5% que não teriam condições de arcar com as dívidas, permanecendo inadimplentes (-0,1 p.p. no mês e +0,8 p.p. em 12 meses). A melhora da renda disponível, com a evolução positiva do mercado de trabalho e o arrefecimento da inflação, atenuaram, na margem, os indicadores de inadimplência. Todavia, os juros elevados dificultam para aqueles que possuem dívidas há mais tempo.

Ainda, a redução da contratação de dívidas em março se deu entre as famílias de menor renda, com quedas de -0,1 p.p. para 78,9% para as com até 3 salários-mínimos (SM) e de -1,2 p.p. para 78,8% para as com renda entre 3-5 SM. Por sua vez, nas faixas de maior rendimento (5-10 SM e acima de 10 SM), a proporção de endividados cresceu, como reflexo do maior consumo de serviços por esse grupo.

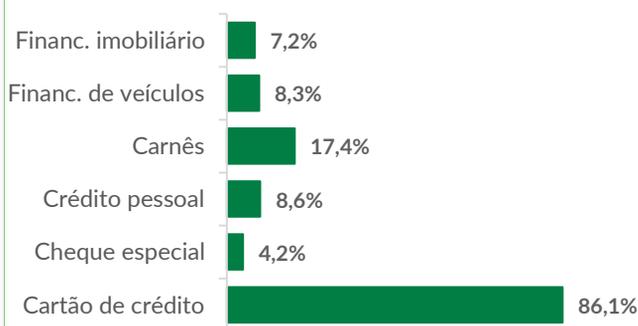
O comprometimento da renda com dívidas recuou para 29,9% dos rendimentos em março, no menor nível desde fev/20. Entre as famílias de menor renda, com até 3 SM, a redução da proporção dos endividados também foi acompanhada da queda do comprometimento da renda dessas famílias com dívidas, em -0,4 p.p. na margem, para 30,9%. Em contrapartida, a parcela média da renda comprometida com dívidas aumentou 0,3 p.p. no mês para 27,0% da renda para as famílias com mais de 10 SM.

Finalmente, o principal tipo de dívida continua concentrado em linhas de crédito rotativo, com destaque para o cartão que foi citado por 86,1% dos entrevistados (85,7% em fev/22). Em seguida, aparecem os carnês com 17,4% de participação (18,3% em fev/23) e o financiamento de veículos (8,3% ante 8,6% em fev/23).

PEIC (%)



Tipo de Dívida % do Total



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

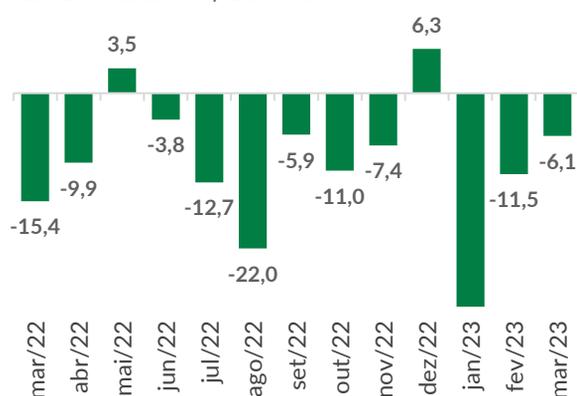
Poupança – Mar/23

Após uma saída de R\$ -11,5 bilhões em fev/23, o relatório mensal da caderneta de poupança do Banco Central indicou novamente em março uma perda de recursos, agora no montante de R\$ -6,1 bilhões.

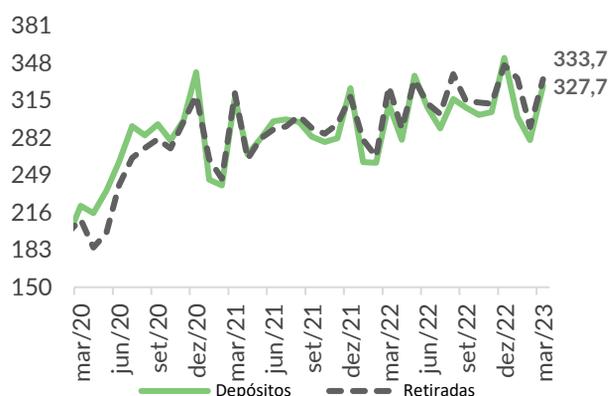
No mês passado, os saques superaram os depósitos no SBPE (Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo) em R\$ 5,7 bilhões. Já na poupança rural, as saídas líquidas foram de R\$ 422,4 milhões.

No ano, a caderneta de poupança acumulou uma perda de R\$ 51,2 bilhões, movimento decorrente do cenário de juros elevados, que reduz a competitividade deste tipo de investimento frente às demais aplicações. Enquanto a poupança rende apenas 6,17% a.a. + TR no ano, os depósitos a prazo e títulos incentivados têm os seus rendimentos atrelados ao CDI.

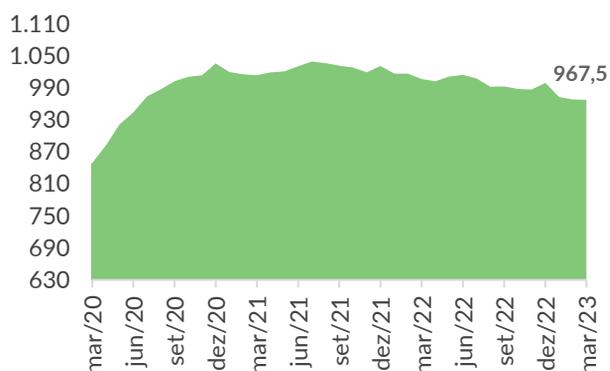
Captação Líquida SBPE + Rural – R\$ bilhões



Evolução SBPE + Rural – R\$ bilhões



Saldo SBPE + Rural – R\$ bilhões



Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E
Atividade, Inflação e Juros									
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	1,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,6
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	6,0
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	4,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,50
Setor Externo e Câmbio									
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	57,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-51,8
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,25
Fiscal									
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,0
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	61,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	77,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688